



*Protestantismo em Revista* é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

# O apocalipse midiático na produção cultural evangélica

## The mediatic apocalypse in gospel cultural productions

Elisa Hoerlle\*

### Resumo

Enquanto a religião evangélica é transformada pela incorporação de lógicas e operações dos meios de comunicação de massa, percebemos um redesenho no seu espaço interacional. Nesse artigo expandiremos a discussão sobre uma categoria de trabalho que se destacou na análise da indústria cultural evangélica: a produção apocalíptica. Questionamos como os evangélicos pensam a atividade midiática, e que diferentes funções esses discursos exercem no campo religioso. Com isto, pretendemos amadurecer a compreensão sobre articulações e disputas entre os campos responsáveis pela produção de sentidos. Nossos casos reúnem atores em diferentes relações institucionais: livretos de um pastor; revista de uma organização para-elesiástica; e, por último, vídeos conspiratórios de um produtor independente.

### Palavras-chave

Mediatização evangélica. Apocalípticos-integrados. Indústria cultural.

### Abstract

As the evangelical religion is transformed by the incorporation of mass communication means and operations, we perceive a redesign in its interactional space. In this article we will expand the discussion about a work category that stood out in the gospel culture industry analysis: the apocalyptic production. We questioned how evangelicals think the media activity, and which different functions these discourses exert in the religious field. With that in mind, we intend to mature our understanding about articulations and quarrels between the fields that are responsible for meaning production. Our cases bring together actors in different institutional relations: a pastor set of booklets; a para-ecclesiastical organization magazine; and, finally, conspiratorial videos by an independent producer.

### Keywords

Evangelical mediatization. Apocalyptic-integrated. Cultural industry.

---

[Texto recebido janeiro de 2015 e aceito em julho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Mestra em Ciências da Comunicação pelo PPGCC UNISINOS; Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: <elisahoerlle@gmail.com>.

## Considerações iniciais

Entendemos a midiaticização da sociedade como subsunção dos processos sociais às lógicas dos meios. A midiaticização é um processo em andamento, que, todavia, já nos oferece indícios sobre a mudança dos contextos das instituições. Em nosso escopo de pesquisa, valorizamos o estudo das transformações do campo religioso em contato com instituições midiáticas seculares.

No desenvolvimento da pesquisa de mestrado, identificamos como indústria cultural evangélica um espaço de circulação de produtos direcionados ao segmento religioso, gerado por empresas que não apresentam vínculos denominacionais imediatos, e que se apropriam dos gêneros da indústria cultural secular em suas criações. Usamos o termo “indústria cultural” para representar um conjunto de práticas sociais que orienta todas as relações de acordo com valores e operações do campo econômico.

Observamos, nesse processo, uma transformação do estatuto da cultura gospel, que se reconfigura com a midiaticização da religião. Quer-se dizer com isto que o gospel transforma-se de expressão da religião evangélica, produzida por operações estéticas consagradas e facilmente reconhecíveis em uma pluralidade de discursos, produtos e formatos inerentes a indústria cultural. A penetração da indústria em múltiplos segmentos da religião evangélica (mulheres, crianças, negros, universitários) é realizada a partir da incorporação de gêneros e padrões estéticos da indústria secular. Assim, para cada produção dela, será fácil encontrar um similar pela indústria gospel: um filme de ação, um livro de romance, um álbum de rap.

Esse artigo expande a investigação sobre uma formação que se destacou das expressões religiosas tradicionais, manifestando um cunho escatológico, quer dizer, de medo do final de um processo. Trata-se da produção demonizadora, ou apocalíptica. São produções midiáticas que cumprem uma função específica dentro do campo evangélico: demonizar a cultura secular. Apocalípticas; não somente sentido bíblico, mas no sentido da formulação proposta por Umberto Eco: mensagens alarmistas que repugnam a cultura de massas.

No escopo das teorias da comunicação, uma primeira noção de apocalipse denota a postura crítica em relação às operações de produção e consumo massivos. Nesse mesmo escopo, integração corresponde a uma anuência ideológica aos valores e atividades industriais, do capital econômico, que podem ser redirecionadas a serviço de outros campos sociais.

Os produtos apocalípticos da indústria gospel são uma forma de resistência à indústria cultural secular. Mas então estabeleceu-se uma controvérsia, porque os mesmos produtos que demonizam as instituições midiáticas apresentam operações idênticas em seus processos. Os evangélicos, além de estarem presentes nos meios de massa tradicionais, apropriam-se de lógicas de indústria cultural, mas alguns de seus produtos

são destinados a denegrir essas mesmas instituições. Os produtos demonizantes nem existiriam, não fossem as instituições que tanto criticam. O discurso pode ser apocalíptico, mas a prática é integrada em relação à cultura de massas. Em suma, propõe-se que os produtos da indústria cultural evangélica que demonizam a indústria cultural secular carregam um discurso ideológico em relação aos meios, assim o fazem porque estão imbricados com resíduos do iconoclasmo protestante. São produtos que carregam uma contradição interna: são integração e apocalipse, articulação e resistência.

No tópico seguinte, pretende-se realizar uma revisão conceitual sobre o apocalipse a partir de uma ampliação das noções de Eco em relação ao posicionamento de alguns críticos da cultura de massa. Feito isso, partiremos à análise de nossos observáveis, considerando como que evangélicos em diferentes situações institucionais pensam o fenômeno da comunicação massiva. Nas considerações finais, recapitulamos, a partir dos casos, as principais características do fenômeno referido, construindo novas interpretações sobre sua função no campo religioso.

Vale a pena ressaltar que o desenvolvimento da comunicação humana e as manifestações religiosas constituíram, na sua origem, um mesmo processo. Sua separação não foi completa, e, por causa disso, ainda hoje remanescem intersecções e concorrências entre eles. Pedro Gomes explica que a mídia e a religião são dois projetos distintos de compreensão da sociedade, ambos com pretensão de totalidade.<sup>1</sup> Os encontros e desencontros destes dois campos produzem disputas de sentido que polarizam concepções sobre o bem o mal. Essa dinâmica produz um grande espaço de irritação do sistema social, que ainda está longe de se estabilizar. A produção apocalíptica pelos evangélicos é só mais um indício dessa tensão.

## O apocalipse: conceito revisto e ampliado

Oriundo do campo religioso, foi usado como expressão de declínio ou de destruição do homem na era industrial. O apocalipse religioso carrega um apelo esotérico, de revelação do oculto<sup>2</sup> a uma elite iniciada em certos conhecimentos místicos. Semelhantemente, o apocalipse da teoria da cultura de massas avilta uma distinção entre produtores e contempladores da aura artística em relação aos demais. De acordo com esta formulação, um homem de cultura é aquele que consegue avaliar o nível (alto, kitch, baixo) de uma determinada produção simbólica.

No famigerado *Apocalípticos & Integrados*, Umberto Eco organiza as tendências e os discursos em relação a cultura de massas entre duas polaridades. Mas, além disso, propõe o germe de uma idéia original sobre o tema. Para Eco, o apocalipse “é um conceito-fetiche,

---

<sup>1</sup> GOMES, Pedro Gilberto. *A comunicação como problema para o campo religioso*. Relatório de Pesquisa PPGCOM Unisinos. São Leopoldo, 2007.

<sup>2</sup> Revelação é o significado da palavra grega apocalipse.

que tem a particularidade de bloquear o discurso, enrijecendo o colóquio num ato de reação emotiva.”<sup>3</sup> O apocalipse como conceito-fetiche é uma forma de escândalo, impacto que impede a análise racional de determinado fenômeno. Eco não se dedicou a questão nos seus trabalhos seguintes, então este projeto se movimenta nesta pista, na indicação que produz sobre o apocalipse como formação simbólica disposta de acordo com características específicas, e direcionada para o cumprimento de alguma função discursiva dentro de algum determinado campo de atuação.

Da maneira que a pesquisa apresenta a questão, o apocalipse é uma proposta interpretativa dos processos sociais. Essa proposta não se caracteriza por nenhum aporte teórico ou repertório institucional específico, ela se move por um enviesamento emocional, suscitando o medo do fim de um processo. Como espaço de construções simbólicas, de imagens e de narrativas, o apocalipse é altamente eficaz, porque o medo que suscita é sempre real.

Percebemos que no contexto da midiaticização da religião evangélica, o campo religioso, ao construir um espaço de interação análogo ao da mídia secular, procura de alguma forma restituir à instituição religiosa o controle dos signos, a explicação geral de mundo. Nesse âmbito, a produção apocalíptica exerce uma função apologética, ou seja, de defesa de algum determinado sistema simbólico, atuando no fechamento das fronteiras institucionais. Ilustramos esse tipo de relação nos observáveis do capítulo seguinte. Desejamos, porém, ressaltar que o fenômeno que estamos construindo não descreve uma realidade homogênea no campo religioso. As posturas apocalípticas, como veremos, apresentam argumentos muito variados. Uma investigação de sua assimilação nas crenças dos indivíduos seria objeto de análise de uma pesquisa específica.

## Casos

Escolhemos como casos de análise três observáveis que apresentam relações institucionais muito diversificadas, e que movimentam repertórios interpretativos bastante distintos sobre uma mesma questão. Desejamos com isso ilustrar de que diferentes formas os evangélicos pensam o processo comunicacional massivo.

## Série *Ferramenta*

É uma série de livretos em formato canoa, de aproximadamente quarenta páginas cada um em tamanho A6, a venda em livrarias evangélicas de todo o Brasil. Trabalham uma variedade, que constituam alguma forma de ameaça à religião<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964. p. 11-12.

<sup>4</sup> Listamos alguns títulos a seguir:

O Perigo Oculto: em Símbolos; em Amuletos, Rituais e Música.

A Série *Ferramenta* se diferencia de outras produções evangélicas de crítica da mídia por fazer um apanhado de citações de autores da teoria da comunicação, incluindo Baudrillard, Santaella, Barthes, e curiosamente, Umberto Eco, com *Apocalípticos e Integrados*. Para este exercício interpretativo, foi selecionado o livreto “O lado sombrio da nova mídia”, que entre obras de teologia, de conhecimentos gerais e de teoria da comunicação, somam sessenta referências. Serão replicados alguns excertos que demonstram como o autor aciona essas referências, e de antemão pode-se dizer que ele pensa o assunto de uma forma bastante peculiar.

Os livretos são de autoria do Pastor Édino Melo, mas em nenhum momento explicitam vínculo institucional com alguma denominação ou ministério religioso. Ao invés disso o autor se põe à disposição, publicando seu contato para negociar convites para “palestras, conferências e seminários” sobre “*Simbologia, Brinquedos- O Perigo Oculto, Seitas e Heresias e Mídia.*” Assim, mesmo sem ser um pesquisador da área, pretende explicar os fenômenos comunicacionais de uma forma que supra as necessidades mais imediatas de fiéis evangélicos.

Além de uma ampla bibliografia, o pastor Édino Melo constantemente cita passagens das Bíblia. O autor faz uma proposta original de uma teoria dos meios, quando parte das Escrituras para fazê-lo. Comentam-se abaixo este e outros itens recorrentes em suas análises.

*Bíblia, manual de teoria da comunicação? Saiba o que Deus pensa.*

Se durante mais de um século os apologetas tomam a Bíblia como fonte infalível de conhecimento sobre a origem do universo, não é de se surpreender que uma iniciativa semelhante incorra para além das ciências exatas, no campo da comunicação. Nesse sentido o autor faz uma teoria da mídia a partir de referências bíblicas sobre a língua e sobre a palavra. As citações são abundantes, e nem sempre se relacionam imediatamente ao assunto trabalhado. Aparecem na forma abreviada, sendo usadas como ilustração de seus argumentos. Por causa disso, foram inseridos para consulta nas notas de rodapé.

**30 fatos sobre o poder da mídia e a síndrome da língua digital**  
Curiosamente a comunicação humana, a mídia, é simbolizada na Bíblia pela língua. Veja, segundo a Bíblia, o que ela pode fazer:  
[...]

---

A Atração Perigosa: em Super-heróis e Contos de Fadas; em Games; em Histórias em Quadrinhos e Mangás. O Lado Sombrio: da Televisão; da Internet; do Cinema e Artes  
Saiba o que Deus Pensa: nessa coleção os livretos são numerados, e cada volume reúne exposições curtas tópicos específicos, como Jogos de Azar; Tatuagens; Filmes de Terror; Cavaleiros do Zodíaco; Os Simpsons; Orkut; a Disney; Realidade Virtual; Pirataria; A Criança e a TV; etc.

2. Tem poder de vida e morte (Pv 18.20-21<sup>5</sup>)

[...]

21. Bênção ou amaldiçoa (Tg 3.8<sup>6</sup>)

[...]

26. Pode tornar o evangelho conhecido (Mc 16.15<sup>7</sup>)<sup>8</sup>

Apesar de a palavra ser originariamente divina, ela perde relativamente suas propriedades na condição humana e se perde. A mídia não passa de um veículo que media as relações humanas neste mundo enlameado pelo pecado. O mundo, de fato, é um atoleiro pecaminoso, e os homens, encalhados, lançam lama em tudo. Por isso, a mídia está contaminada (Rm 5.12<sup>9</sup>, Gn 6.5-6<sup>10</sup>). Conforme diz Francis Schaeffer e, *A morte da Razão*, SP, A.B.U. "o homem em sua totalidade era obra de Deus; agora, porém é decaído em toda sua natureza, inclusive intelecto e vontade" (Rm 3.23<sup>11</sup>; 6.23<sup>12</sup>).<sup>13</sup>

James Houston cita a frase de Lewis Murriford de que "a era moderna tem se especializado no rebaixamento da linguagem". Marshall McLuhan chega a defender que hoje "o meio é a mensagem." A comunicação divina, porém, difere da humana. A Palavra de Deus é a verdade transcultural (Jo 8.32<sup>14</sup>), absoluta em qualquer cultura, em qualquer época. Ela possui autoridade divina (Mt 4.4,7,10<sup>15</sup>); indestrutibilidade (Mt 5.17,18<sup>16</sup>); infalibilidade (Jo 10.35<sup>17</sup>); supremacia absoluta (Mt 15.3,6<sup>18</sup>); inerrância nos fatos (Mt 22.29<sup>19</sup>; Jô 17.17<sup>20</sup>); confiabilidade histórica (Mt 19.4-5<sup>21</sup>; Jo 3.12<sup>22</sup>).

<sup>5</sup> Do fruto da boca enche-se o estômago do homem; o produto dos lábios o satisfaz. A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte; os que gostam de usá-la comerão do seu fruto. (NVI)

<sup>6</sup> a língua, porém, ninguém consegue domar. É um mal incontrolável, cheio de veneno mortífero. (NVI)

<sup>7</sup> E disse-lhes: Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. (NVI)

<sup>8</sup> MELO, Édino. *Edições Ferramenta: O lado sombrio da nova mídia*. Campinas: Editora Transcultural, 2006. p. 11.

<sup>9</sup> Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram (NVI)

<sup>10</sup> O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal. Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra; e isso cortou-lhe o coração. (NVI)

<sup>11</sup> pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus (NVI)

<sup>12</sup> Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor. (NVI)

<sup>13</sup> MELO, 2006, p. 10.

<sup>14</sup> E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará. (NVI)

<sup>15</sup> Jesus respondeu: "Está escrito: 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus'". Jesus lhe respondeu: "Também está escrito: 'Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus'". Jesus lhe disse: "Retire-se, Satanás! Pois está escrito: 'Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto'". (NVI)

<sup>16</sup> Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. (NVI)

<sup>17</sup> Jesus lhes respondeu: Não está escrito na Lei de vocês: "Eu disse: Vocês são deuses"? (NVI)

<sup>18</sup> Respondeu Jesus: E por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês? ele não é obrigado a 'honrar seu pai' dessa forma. Assim vocês anulam a palavra de Deus por causa da tradição de vocês. (NVI)

<sup>19</sup> Jesus respondeu: Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! (NVI)

<sup>20</sup> Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. (NVI)

<sup>21</sup> Ele respondeu: "Vocês não leram que, no princípio, o Criador 'os fez homem e mulher' e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'? (NVI)

<sup>22</sup> Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não creram; como crerão se lhes falar de coisas celestiais? (NVI)

é viva e eficaz (Hb 4.12<sup>23</sup>). “... Ele levanta a sua voz, e a terra se derrete (Sl 46.6)”.<sup>24</sup>

A proposta de Édino Melo sobre a palavra como mídia humana não expressa nenhuma diferença entre a modalidade oral (língua) e a escrita. Deus é o “*Deus da palavra*” (p. 34), mas a palavra dele difere da palavra do homem. A palavra de Deus tem sempre poder de transformar a realidade ontológica; por meio dela, todas as coisas vieram a existir. A palavra enquanto mídia humana também tem poder, mas carrega uma valoração ética, porque pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Para além de uma visão conteudista dos meios de comunicação, o autor propõe que a diferença entre a palavra de Deus e a palavra do homem produz um rebaixamento da linguagem. Com isso ele quer dizer que o pecado destitui a linguagem de suas características motoras originais.

Parte da mídia é uma espécie de coador sujo, porque cõa a borra do coração humano, borrado pelo pecado (I Jo 5.19<sup>25</sup>). Conclusão: a mídia é decadente em muitas áreas por ser de fato, como defende Marshall McLuhan, uma extensão do próprio homem, só que de acordo com a bíblia, em decadência (Rm 3.10-18<sup>26</sup>). Enfim, o que sai da boca do homem contamina o homem (Mt 15.11<sup>27</sup>). [sic]<sup>28</sup>

Nesse mesmo sentido, sua apreensão precipitada da teoria McLuhiana proclama que o meio, enquanto extensão do homem, expressa conteúdos decadentes, e que, por isso, torna-se idêntico a estes últimos.

#### *Acionamento das teorias da comunicação*

Reúne diversas expressões de argumentos apocalípticos, citando vários autores da teoria da comunicação. Mas não para por aí. Édino Melo relaciona o conceito de indústria cultural à concepção evangélica de “mundo”: um sistema engendrado por para enredar o homem em prazeres enganosos. A mídia está a serviço da indústria cultural, e têm um fim último de reificação, ou seja, de transformação de valores de cultura e de indivíduos em mercadorias.

---

<sup>23</sup> Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração. (NVI)

<sup>24</sup> MELO, 2006, p. 34

<sup>25</sup> Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno. (NVI)

<sup>26</sup> Como está escrito: Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer. Suas gargantas são um túmulo aberto; com suas línguas enganam. Veneno de serpentes está em seus lábios. Suas bocas estão cheias de maldição e amargura. Seus pés são ágeis para derramar sangue; ruína e desgraça marcam os seus caminhos, e não conhecem o caminho da paz. Aos seus olhos é inútil temer a Deus. (NVI)

<sup>27</sup> O que entra pela boca não torna o homem ‘impuro’; mas o que sai de sua boca, isto o torna ‘impuro’. (NVI)

<sup>28</sup> MELO, 2006, p.10.

Como o cristão deve se posicionar em relação à influência dos meios de comunicação na cultura atual, enquanto ela é confundida com a própria cultura?<sup>29</sup>

A ideia de mundo aqui, então, diz respeito a um “sistema” que, comanda, segundo Theodor Adorno, a indústria cultural por trás da mídia. Esse sistema faz do mundo um mercado de almas e parte dos detentores da mídia em seus mercados. Conclusão: neste sistema o homem é a sua própria mercadoria (Ap 18.12-13<sup>30</sup>).<sup>31</sup>

A cultura mundana é uma teia de sedução. Raquel Paiva e Muniz Sodré afirmam em *Cidade dos artistas*, SP, Mouad, 2004, que a cultura é hoje interpretada como o imperativo individualista de se divertir a todo custo, preferencialmente nas formas sugeridas a cada dia pela mídia eletrônica. Cultura-entretenimento, associada a consumo de luxo, é de fato a grande mercadoria da gentrificação.<sup>32</sup>

### *Neutralidade do meio*

Corresponde a expressões já consagradas de uma visão utilitarista dos meios de comunicação de massa. É como Gome aponta em relatório de pesquisa: as religiões tradicionalmente vêm pensando os meios como ferramentas úteis para proselitismo doutrinário.<sup>33</sup>

Este avanço tecnológico pode ser uma bênção ou uma maldição. Evidentemente que não podemos demonizar a cultura. Não é esta intenção aqui.<sup>34</sup>

Deus capacitou-nos com a palavra. A mídia, na verdade, são meios pelos quais o homem se expressa. Em si, ela não é ruim. Não obstante, ela é condenada per Deus se usada para o mal (Mt 12:36<sup>35</sup>).<sup>36</sup>

Paulo fala da necessidade de usarmos todos os meios legítimos para pregarmos o Evangelho [...] Paulo pregou ao homem todo [...], em todo tempo disponível [...], toda a mensagem do Evangelho [...]. Por isso, certamente Paulo utilizaria a mídia atual para pregar o Evangelho.<sup>37</sup>

<sup>29</sup> MELO, 2006, p. 09.

<sup>30</sup> artigos como ouro, prata, pedras preciosas e pérolas; linho fino, púrpura, seda e tecido vermelho; todo tipo de madeira de cedro e peças de marfim, madeira preciosa, bronze, ferro e mármore; canela e outras especiarias, incenso, mirra e perfumes, vinho e azeite de oliva; farinha fina e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carruagens, e corpos e almas de seres humanos. (NVI)

<sup>31</sup> MELO, 2006, p. 12.

<sup>32</sup> MELO, 2006, p. 13.

<sup>33</sup> GOMES, 2007.

<sup>34</sup> MELO, 2006, p. 04.

<sup>35</sup> Mas eu lhes digo que, no dia do juízo, os homens haverão de dar conta de toda palavra inútil que tiverem falado. (NVI)

<sup>36</sup> MELO, 2006, p. 12.

<sup>37</sup> MELO, 2006, p. 35.

*Meios de Comunicação de Massa a serviço de Satanás*

Neste item a análise apocalíptica ganha um novo sentido, porque o que o autor da série faz não é somente uma crítica popular da cultura popular. O apocalipse é tomado na acepção conspiratória do termo, quando se propõe que os meios de comunicação de massa estão a serviço de Satanás para a planificação das consciências, preparando o mundo para o governo do anticristo. Assim, mais uma vez, ele parte de suas crenças bíblicas para avaliar os fenômenos comunicacionais.

A Bíblia de estudo da CPAD, explica que satanás usa os meios de comunicação em massa para destruir os padrões divinos de conduta, inclusive a agricultura para produzir drogas destruidoras da vida, tais como o álcool e os narcóticos, e, a educação, para promover a filosofia ímpia humanista.<sup>38</sup>

Arno Froese, autor do livro *a Era do Deus Digital* concorda que a chegada do Anticristo só será possível quando houver uma teia de comunicação que interligue as relações comerciais do planeta. A nova mídia caminha a passos largos para esse fim (Ap 13.16-18<sup>39</sup>).<sup>40</sup>

Umberto Eco ilustra que a indústria cultural, como controle das massas “desenvolvem uma função que, em certas circunstâncias históricas, tem cabido às ideologias religiosas”.<sup>41</sup> É por isso que atores como Édino Melo emergem contrapondo-se aos meios de massa, numa tentativa de recobrar ao espaço religioso o que era seu no princípio. Nesse sentido ele parte da Bíblia para pensar os meios. É uma abordagem sem dúvida bastante interessante, mas que expressa uma imaturidade metodológica em sua realização. As citações de autores do campo são usadas da mesma forma que os versículos bíblicos, para ratificar as opiniões que propõe, sem fazer uma interpretação contextualizada destes materiais.

A apologética enquanto defesa de alguma determinada doutrina pode valer-se de conhecimentos científicos, mas tende à repetição de suas próprias lógicas, numa dinâmica pressuposicionalista. Não podemos esquecer que Édino é um pastor, que procura de alguma forma suprir as demandas espirituais mais imediatas de seu rebanho, e que, nesse âmbito, uma análise bíblica do fenômeno pode ser entendida como legítima pelo público pretendido.

A visão apocalíptico-integrada consagra um mal entendido em relação à natureza dos meios: são tão bons quanto as mensagens que disseminam. Superando estes discursos

---

<sup>38</sup> MELO, 2006, p. 22.

<sup>39</sup> Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis. (NVI)

<sup>40</sup> MELO, 2006, p. 32.

<sup>41</sup> ECO, 1964, p. 43.

mais imediatos, a produção demonizadora apresenta uma operação apocalíptica fetichizante, pela provocação do medo, impedindo uma análise racional dos processos. Então o apocalipse assume um caráter sinteticamente escatológico, quando os meios de comunicação de massa são considerados como instrumento de Satanás para implementação do governo do anticristo.

### *Obra missionária Chamada da Meia Noite*

A “Obra Missionária Chamada da Meia-Noite” é uma editora fundada em 1955 nos Estados Unidos pelo pastor Wim Walgo. Produz duas revistas mensais, de circulação internacional: “Chamada da Meia Noite” e “Notícias de Israel”.

A Chamada da Meia Noite não tem caráter eclesiástico, não é uma igreja, mas mantém uma relação com o campo religioso, promovendo seminários e eventos culturais, principalmente entre denominações batistas, inclusive no Brasil. Mantém um posicionamento favorável ao Estado de Israel, defendendo que sua restauração, em 1949, foi cumprimento da vontade de Deus, predispondo o retorno do messias. O evento é considerado o grande sinal dos tempos, trazendo a certeza de que estamos à beira do fim.

Nas publicações da organização os acontecimentos mundiais como respostas às profecias bíblicas, mantendo sempre um tom alarmista, relacionando as notícias com questões mais amplas. Assim, a crise econômica é indicada como estopim necessário para a aceitação de um governo mundial. Então questiona, como que a democracia elegerá o anticristo? Como que a tecnologia servirá na implementação da marca da besta?

Para este exercício a pesquisadora usou uma amostra conveniente, de maio de 2010. Nessa edição percebemos um tom conspiratório em relação à crise financeira estadunidense, que estaria prenunciando o fim dos tempos, pelo governo de Satanás. Percebemos um tom semelhante na crítica à cultura de massas, delineada como vilã, enredando cristãos em empecilhos que os afastam de viver conforme a vontade de Jesus. Numa análise prévia, delineou-se uma noção sobre como a revista pensa o fenômeno da significação humana: para a ela o signo possui uma natureza espiritual, seu verdadeiro significado está na sua origem. “O Evangelho Avatar” faz uma resenha crítica do filme, argumentando que ele faz proselitismo da religião xamânica. O autor inicia seu texto ressaltando a função social do cinema:

Os filmes são atualmente o meio mais popular de influenciar culturas em uma escala mundial. Eles têm sido eficientes nisso durante quase um século. Os filmes são, e sempre serão, máquinas de ensino. [...] Os filmes sempre ensinam teologia.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> CHAMADA DA MEIA-NOITE. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, ano 41, n. 05, mai 2010. p. 10-11.

Dado o poder agenciador do cinema, o leitor fica em alerta, e em seguida é feita uma análise demonizadora da produção da indústria cultural laica. Avatar é uma produção simbólica que ocultamente dissemina doutrina de demônios. Revelado seu “significado real”, o autor da análise debate a posição de alguns correligionários que em algum momento fizeram uma leitura diferente do filme, encontrando nele significados cristãos:

*Christianity today*, o Movimento da Igreja Emergente, o Plano Global P.E.A.C.E de Rick Warren, e outros dentre algumas organizações missionárias e paraeclesiásticas [...] têm uma inclinação para tentar encontrar pepitas enterradas de Cristo na cultura, ou acomodar o cristianismo à cultura e vice-versa. Muitos se dedicam a santificar e a redimir o paganismo de uma sociedade, ou pelo menos tentam harmonizar e trabalhar com todas religiões. Isso tudo é um prato cheio para o sincretismo e para o ecumenismo. Eles estão contribuindo para a religião do Anticristo.<sup>43</sup>

Dessa forma, se o significado de alguma determinada produção cultural está na sua origem espiritual, não convém interpretar na cultura nenhum valor próprio do cristianismo. Fica clara a distinção. A reportagem seguinte, sob a sessão “Do nosso campo visual”, faz uma curiosa apologia ao uso da estrela de Davi como um símbolo cristão:

Mesmo que a estrela de Davi, a estrela judaica, seja considerada um símbolo ocultista por muitos, isso não deve nos perturbar como cristãos. Aliás, muitos símbolos cristãos são usados no ocultismo. [...] Que a Estrela de Davi não tem um significado realmente oculto, pelo contrário, aponta para o Messias de Israel, ficou demonstrado pelo regime nazista, que durante a Segunda Guerra Mundial obrigou os judeus a usarem uma Estrela de Davi. Na realidade, o nazismo foi um sistema ocultista-espírita dominado pelo Diabo e voltava todo seu ódio contra o povo escolhido de Deus, pretendendo matar todos os judeus que usavam essa estrela.<sup>44</sup>

Mais uma vez, defende que o significado real de um símbolo está no seu princípio. O uso que grupos rivais fazem do signo não anula o seu verdadeiro significado. Esta noção de origem sugere que um símbolo cristão remete sempre a significados imediatos, enquanto os símbolos satânicos carregam significados ocultos, e, muitas vezes, subliminares. O signo cristão é revelação, o signo satânico é dominação oculta.

Há uma grande diferença nesse tipo de abordagem em relação à que evocada por Édino Melo, autor da série Ferramenta. Enquanto o pastor pensava os meios de comunicação de massa a partir de uma visada conteudista, consagrando a opinião do senso comum de que os meios são neutros, e de que sua qualidade depende das mensagens que divulgam; a Chamada da Meia Noite mistifica a natureza do processo

---

<sup>43</sup> CHAMADA DA MEIA-NOITE, 2010, p. 10-11.

<sup>44</sup> CHAMADA DA MEIA-NOITE, 2010, p. 15.

comunicacional. “*Os filmes sempre ensinam teologia*”. A revista ignora o caráter arbitrário e convencional do signo, reencantando a constituição do seu significado, que, ao invés função social passa a ser percebido como alguma disposição sobrenatural.

Apesar da carência metodológica, Édino Melo reúne uma quantidade de referências muito mais expressiva pra conduzir suas interpretações. Na revista as citações bíblicas estão presentes, entretanto, em comparação com os livretos da série Ferramenta, são menos abundantes. Historicamente ligada a grupos fundamentalistas, a Chamada da Meia Noite ao mesmo tempo em que pretende conduzir uma interpretação puramente literal das Escrituras sagradas, insere vários elementos do seu imaginário no comentário das produções da cultura secular.

### **A série de vídeos Prepare-se**

A série consiste numa bricolagem de imagens e de vídeos, intercalados por planos em que o apresentador aparece num cenário em chroma key, comentando os materiais. Até o fechamento da apuração<sup>45</sup>, a série dispunha de 46 edições, cada uma delas com aproximadas duas horas de duração. Os dvds estão a venda por cerca de R\$ 20,00 no site oficial<sup>46</sup>, mas também são vendidos em cópias livres por algumas livrarias evangélicas. Os vídeos também podem facilmente ser encontrados no YouTube.

Os dvds iniciam com um frame indicando a classificação etária (16 anos), a liberação para cópia e distribuição e uma indicação, dizendo que: “As imagens aqui utilizadas foram pesquisadas e recolhidas da internet”. Terminam com créditos que acusam: “produção, direção, pesquisa, argumento, camera, estudio, audio, iluminação, edição, efeitos, supervisão, redação, etc... etc.. etc. Eu, minha esposa e minha filha” [sic]. Após os créditos, seguem informações promocionais de outros dvds, e, ao final, a frase: “Que Deus continue te abençoando!”.

O irmão Rubens Sodré não é pastor e também não deixa explícito se tem vínculo institucional com alguma congregação. Nas gravações ele diz já ter trabalhado com televisão e conhecer os seus procedimentos<sup>47</sup>. É um apresentador, um VJ. Ele narra a tradução da voz em off de “documentários” estrangeiros. Sua voz é forte e bem articulada.

Sodré domina técnicas de áudio, mas deixa a desejar nas operações visuais. A gravação não é profissional: o chroma key deixa recortada a silhueta, algumas legendas apresentam erros gramaticais, algumas cenas terminam sem dar continuidade, alguns planos em que o apresentador faz seus comentários apresentam cortes abruptos, causando um efeito desconfortável.

<sup>45</sup> Janeiro de 2015.

<sup>46</sup> <[www.verdadeoculta.com.br](http://www.verdadeoculta.com.br)>.

<sup>47</sup> No segundo episódio da série ele explica “Deus me fez conhecer essas coisas”. Também comenta que faz “esse tipo de trabalho” (de crítica popular dos meios) desde 1981.

A premissa geral da série é que existe uma elite mundial, forjada pelas treze famílias mais ricas do mundo, que dominam sobre os estados e sobre os media. Esse grupo chama-se “Bildebergs”, mas também se identificam como “Illuminati”. Correspondem a uma linhagem que teria origem nos edificadores da Torre de Babel, e que depois dela mantiveram hegemonia sobre as nações mais poderosas da história: Egito, Babilônia, Grécia, Roma, Reino Unido e Estados Unidos da América. Os Illuminati também teriam relação com a maçonaria e com o culto a Satanás. Eles impregnam seus rastros de dominação através de símbolos presente em mitologias pagãs, monumentos governamentais e produtos da indústria cultural. Na sua agenda está a geração de uma sociedade administrada, chamada “Nova Ordem Mundial”, estabelecida com limpeza da população mundial, reduzindo seu contingente pelo extermínio de 90% da humanidade. O poder que os Illuminati exercem na atualidade corresponde uma preparação para o governo do anti-Cristo, que, de acordo com uma determinada tradição interpretativa das Escrituras, precede o fim do mundo. “Estamos sem ninguém pela gente, só temos Deus do nosso lado”; “estamos à beira do Apocalipse”.

O exercício proposto não analisa que leitura Rubens Sodré faz das Escrituras, tampouco está preocupado em investigar a integridade dos argumentos trazidos pelos seus comentários, e nem ainda a plausibilidade dos argumentos dos documentários presentes nos vídeos da série. Interessa aqui tentar identificar usos em apropriação, na construção e um espaço de resistência contracultural.

Escolhemos para esta análise o segundo episódio da série, em que Sodré, de várias maneiras, tenta elaborar sua crítica sobre a dominação dos meios de comunicação de massa. O episódio começa com a exibição de um documentário que defende que a ida do homem à Lua foi uma farsa do governo dos EUA; depois disso Sodré avalia uma reportagem do Fantástico sobre uma droga nova, o GHB. Segundo a análise do apresentador, a reportagem é subliminarmente direcionada a dependentes químicos, funcionando como propaganda da substância. Em seguida são exibidos trechos do documentário “Muito Além do Cidadão Kane”, que fala sobre o poder da Rede Globo no Brasil. Também são exibidas algumas imagens de extermínio dos judeus na segunda guerra mundial, mensagens subliminares de sexo em propagandas e imagens que narram a origem e agenda dos Illuminati.

Transcreve-se a seguir alguns comentários do segundo episódio, agregados sob quatro temas recorrentes na fala do apresentador:

*Os media e o poder dos Illuminati*

Todas as emissoras de rádio e televisão, elas obedecem a uma concessão do governo. E o governo só dá essa concessão justamente pra quem está do lado dele, essa é a grande verdade. E por sua vez também, o governo é comandado pela elite global, pelos Illuminati, pelas treze famílias. E o que

não está de acordo com eles eles tiram do ar, foi assim com a TV Tupi do Rio.

Eles [os Illuminati] tem o controle sobre o que você sabe, sobre o que você come, sobre o que você veste, sobre o que você pensa. Sobre o que você acha de qualquer assunto, a sua opinião eles é que fazem, porque, na verdade nós infelizmente recebemos muitas informações e do jeito que eles querem ao longo de todo o processo de vida.

Ela [a televisão] tem uma obrigação mor: é manter o sistema, fazer o que é do interesse dos Illuminati.

### *O perigo da tv e a ação subliminar*

Quando a televisão quer divulgar algo que é nocivo à nossa sociedade, mas que ela tem que divulgar, porque os Illuminati assim querem, ela usa uma estratégia que você não percebe de jeito nenhum! Fica oculto à sua visão, à sua audição. Mas, subliminarmente, ou seja, abaixo do limite do entendimento, no subconsciente, ela consegue passar de forma incrível, total, aquilo que é de interesse que ela divulgue para a sociedade.

[A televisão] é uma droga perniciososa, um câncer.

A Globo é a mãe das perniciosas televisões que estão no planeta.

Procure sobre o Big Brother, não pense que é só um programa de entretenimento da televisão não. Ele é mais reality do que você imagina [...] Pesquisa na internet, procure sobre George Olsen procure sobre um livro, 1984, saiba o que é Big Brother. E, infelizmente, [...] nós vamos viver todos debaixo do Big Brother, muito em breve, não vai ter jeito. Hoje eles tão fazendo como objeto de cobiça, as pessoas querem ir pro Big Brother. Quando ver o que é o Big Brother de verdade, leia o livro que você vai ver, quando você ver o que é o Big Brother de verdade, o reality, daí já não vai mais querer estar ali, só que aí... [sic]

### *A destruição da família*

Muito cuidado, cuidado com a televisão que entra na sua casa. A missão dela é acabar com os planos de Deus, a missão dela é confundir você, a missão dela é acabar com sua família.

Na minha casa não se vê Globo, desde muito tempo atrás. Ela é a pior, não é a única não, mas ela é a pior, porque ela foi feita aqui no Brasil pelos Illuminati, ela foi feita pela TimeLife [...] ela tem esse propósito, é propósito de Satanás pra destruir sua família!

### *A Internet como alternativa livre*

Ainda hoje, não sei até quando, mas ainda hoje, internet é um meio que traz informação, como os demais veículos deles [Illuminati], mas esse diferentemente também leva. E nesse momento nós podemos saber de

coisas, né, e nós temos que analisar, porque muita coisa também pode não ter fundo de verdade né.

Procure na internet também, que não fique só nas minhas palavras. Por enquanto dá pra buscar as coisas internet coisas que não passam pelo crivo da elite global.

Em suma, para Rubens Sodré uma mensagem eficaz é uma mensagem subliminar. Os meios de comunicação de massa não são meios da sociedade, mas veículos que trabalham a favor dos interesses da elite global Illuminati. O Big Brother da Endemol prepara as consciências para a implementação da Nova Ordem Mundial. A Globo quer destruir a família. A internet, entretanto, permanece um meio livre, porque não somente recebe, mas também envia dados. Mesmo assim nenhum meio é confiável, nem mesmo ela, porque carrega muitas informações que não são verdadeiras. São argumentos muito semelhantes aos de um outro ator, o pastor Piragini, analisado por Victor Folquening:

O próprio pastor não se limita a identificar discursos explícitos pró-sexualidade. Fala em “discurso subliminar” e compreende que há um “sistema”: - Esse é um sistema tão sutil, tão tremendamente interligado que, por exemplo, mexe com a moda, e a moda começa a trabalhar o despertamento da sensualidade...<sup>48</sup>

Na série *Prepare-se*, o apocalipse é composto por um arranjo de operações impactantes, que promovem emoções intensas; um conjunto de procedimentos que estimulam as sensações da audiência. O irmão Rubens Sodré não é pesquisador em comunicação, mas a sua análise dos meios carrega inclinações teóricas que podem ser identificadas e problematizadas por um referencial adequado. Em várias de suas falas, se substituíssemos o termo “Illuminati” por “indústria cultural”, a narração passaria de conspiração à crítica popular da cultura de massas. Segundo esse exercício, a simples substituição transformaria as mensagens em argumentos amplamente difundidos. Veja abaixo:

Todas as emissoras de rádio e televisão, elas obedecem a uma concessão do governo. E o governo só dá essa concessão justamente pra quem está do lado dele, essa é a grande verdade. E por sua vez também, o governo é comando [...] pela **indústria cultural**.

**A indústria cultural** tem o controle sobre o que você sabe, sobre o que você come, sobre o que você veste, sobre o que você pensa. Sobre o que você acha de qualquer assunto, a sua opinião eles é que fazem, porque, na verdade nós infelizmente recebemos muitas informações e do jeito que eles querem ao longo de todo o processo de vida.

---

<sup>48</sup> FOLQUENING, Victor. Estratégias discursivas de atores cristãos na mídia: um caso de sermão batista em Curitiba. *V Congresso Internacional em Ciências da Religião*, 2011, Goiânia. p. 6.

Ela [a televisão] tem uma obrigação mor: é manter o sistema, fazer o que é do interesse **da indústria cultural**.

Portanto, de acordo com as proposições de Umberto Eco, Rubens Sodré forja operações denunciadas pelos teóricos apocalípticos, mas, ao mesmo tempo, apresenta em suas falas o germe de uma teoria crítica. Consciente ou não, o irmão Sodré faz uma crítica popular da cultura popular, articulando conceitos-fetice em torno de uma problemática sobre os meios de comunicação de massa sem propor devidamente um conceito para cultura. Mas, no fim desse exercício, ousa-se inferir pelas suas falas que, para Sodré, a cultura não é propriamente uma atividade da sociedade, ela jaz no maligno<sup>49</sup>, é um instrumento de Satanás para a destruição da família e do homem.

### Considerações Finais

Apesar das tentativas modernizadoras de restringir a prática religiosa ao espaço da vida privada, entendemos que religião e mídia continuam disputando sobre o controle dos signos, e que esta tensão é percebida nos processos de midiaticização da religião, quando atores evangélicos produzem conteúdos alarmistas sobre o poder agenciador dos meios de comunicação de massa.

Esse tipo de movimento é um subproduto da abertura do campo religioso aos usos e às interações da cultura, uma tentativa de autorregulação pelo dispositivo da produção evangélica. Uma ameaça de inquisição que provoca um efeito repuxo, trazendo para dentro o que estava na dúvida. O apocalipse, pelo excesso e pela ameaça restitui o lugar de controle da instituição religiosa sobre a produção de sentido sobre a vida. Em observáveis que mantém diferentes relações institucionais com o campo religioso, percebemos que, apesar de manifestarem a mesma tendência escatológica, não a realizam a partir de uma mesma abordagem ideológica, e apresentam métodos distintos na realização de suas elaborações.

Por sua índole pastoral, Édino Melo trata os produtos midiáticos como lobos que ameaçam a saúde espiritual de suas ovelhas. Seus argumentos manifestam não somente esta preocupação, mas também um chamado à renúncia dos prazeres mundanos. Repetindo a crítica popular da cultura popular, seu pecado é o mesmo dos teóricos apocalípticos: a distinção forçada, um julgamento imaturo sobre algum determinado fenômeno.

A Série *Ferramenta*, apesar de mencionar vários autores da teoria da comunicação, não pretende fornecer uma análise científica destes processos. Ao invés disso, usa a Bíblia como fonte para discernir o significado destas coisas. Procedendo desta forma, garante

---

<sup>49</sup> Referência à primeira epístola de João 5:19 :“Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno.” (NVI)

aceitação entre um público que, muitas vezes, não está familiarizado outros tipos de narrativa.

A *Chamada da Meia Noite* se diferencia pelo seu viés institucional. Estando historicamente ligada a grupos fundamentalistas, defende a filosofia do senso comum, a idéia de que podemos conhecer a realidade independente de qualquer mediação. Partindo deste princípio, defende a interpretação literal das Escrituras, mas acaba reencantando o processo de elaboração dos signos, auferindo-lhes natureza sobrenatural.

O apresentador da série *Prepare-se* é um produtor independente, que pronuncia seus discursos num espaço de passagem, uma zona de indeterminação entre a cultura gospel e as teorias da conspiração. Ele encontrou através da internet uma oportunidade para movimentar valores de instituições diversas: a liberdade de expressão dos usuários, técnicas narrativas do campo midiático, um padrão específico de conduta familiar, uma desconfiança em relação aos governantes.

Ao mesmo tempo em que Rubens Sodré apresenta várias inovações no formato e nos conteúdos de suas construções, produz uma visão mistificada, que simplifica os processos presentes na constituição dos meios de comunicação de massas. Se os assuntos trazidos pela série fossem analisados cientificamente, exigir-se-iam conhecimentos sobre a conjuntura político-econômica internacional, sobre a teoria do signo, sobre a historiografia das religiões, etc. Os documentários e as imagens trazidas em seu programa não são devidamente interpretados, são usados, para servirem de exemplo da narrativa por ele proposta. Os comentários que introduz ao longo da programação condensam os argumentos trazidos de acordo com uma elaboração prévia, sobre o poder que os Illuminati exercem sobre os governos mundiais.

A pesquisa de mestrado esclareceu em seus resultados que a abertura em relação às interações previstas pelo campo religioso indicia uma mudança dos contextos das instituições pela midiatização. Podemos então pensar a produção apocalíptica como uma tentativa de remarcação das fronteiras do campo religioso, que se alargaram na interação com dispositivos de outra origem. Encontramos a mesma observação em Hoover.

O declínio da autoridade religiosa que tem acompanhado o aumento da midiatização da religião ameaça as instituições religiosas e suas tradições. A resposta frequentemente tem sido olhar para a mídia como uma forma de reforçar esses limites. Organizações religiosas [...] tentam usar a mídia mais para definir do que para transcender limites, diferenças e distinções. Muitos destes grupos também criticam a chamada mídia secular pelo seu viés anti-religioso e por seus valores questionáveis. Alguns têm

estabelecido estruturas formais e informais para a crítica e o controle da mídia em benefício de seus seguidores.<sup>50</sup>

Nesse fenômeno, percebemos um redesenho das instituições, cujas fronteiras estão ameaçada por usos e interações da cultura, ainda que redirecionadas a propósitos do campo religioso. Em nossos objetos, verificamos que o apocalipse que é atualizado pela produção demonizante objetiva resgatar à instituição religiosa o poder final de explicação geral sobre o mundo. A produção apocalíptica exerce a função de sentinela, de observatório geral da sociedade.

O apocalipse é, na da teoria da comunicação, uma crítica da cultura popular; na religiosidade evangélica milenarista, uma preparação para o domínio do anticristo; em Eco, um escândalo, que impede a produção de novos conhecimentos em relação a algum determinado fenômeno da cultura. Na indústria gospel, ele aciona uma tentativa de retomada de hegemonia, que é não feita de maneira elaborada, mas numa ameaça inquisitória, de cunho patológico. Movimentos de expansão e retraimento desenharam a conversa da religião com a cultura.

Gostaríamos de salientar enquanto consideração final que qualquer narrativa desse tipo é movida por um sentimento de assombro e de dominação sob forças escusas, que os indivíduos não conseguem entender. Não nos convém julgar a índole dos produtores destas narrativas, suas crenças reais sobre estes fenômenos. Desejamos apenas esclarecer que enquanto a produção apocalíptica inventa um antagonista responsável pela nossa opressão, oblitera um inimigo real, que podemos conhecer a partir da teoria crítica da indústria cultural.

Finalmente, como não podia deixar de ser, a luta contra Satanás merece mais uma palavra. Ora, o enfrentamento desse inimigo traz pelo menos duas conseqüências: a) Desvia a atenção das pessoas, do verdadeiro inimigo – os sistemas e estruturas sociais geradoras de opressão, exclusão e inferioridade social – para um inimigo imaginário. Assim alienadas, essas pessoas, mesmo reencontrando um sentido satisfatório para suas vidas, agem em vista de algo que não soma para solucionar as necessidades sociais profundas. b) Com essa atuação ajuda a manter o *status quo*, deixando intocável o sistema social vigente. É desnecessário dizer, mas, para enfatizar, urge reafirmar novamente: desta maneira a produção

---

<sup>50</sup> “The decline in religious authority that has accompanied the increasing mediation of religion does threaten religious institutions and traditions. The response has often been to look to media as a way of reinforcing those boundaries. Religious organizations [...] attempt to use media to define rather than transcend boundaries, differences and distinctions. Many such groups also criticize the so-called secular media for their anti-religious biases and questionable values. Some have established formal and informal structures for the critique and control of media on behalf of their followers. HOOVER, 2008, p. 12-13, tradução nossa.

simbólica fundamentalista ajuda a legitimar os interesses das classes dominantes e das elites sociais.<sup>51</sup>

## Referências

BÍBLIA SAGRADA. *NOVA VERSÃO INTERNACIONAL (NVI)*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CHAMADA DA MEIA-NOITE. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, ano 41, n. 05, mai 2010.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964.

FOLQUENING, Victor. Estratégias discursivas de atores cristãos na mídia: um caso de sermão batista em Curitiba. *V Congresso Internacional em Ciências da Religião*, 2011, Goiânia.

GOMES, Pedro Gilberto. *A comunicação como problema para o campo religioso*. Relatório de Pesquisa PPGCOM Unisinos. São Leopoldo, 2007.

HOERLLE, Elisa. *Indústria e gratuidade na midiaticização do campo evangélico*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – Unisinos. São Leopoldo, 2013.

HOOVER, Stewart; ECHCHAIBI, Nabil. The Third Spaces of Digital Religion. In.: \_\_\_\_\_ (eds.). *Finding Religion in the Media: Work in Progress on the Third Spaces of Digital Religion*. Center for Media, Religion, and Culture Working Paper 1.0. University of Colorado at Boulder, USA. 2012.

MELO, Édino. *Edições Ferramenta: O lado sombrio da nova mídia*. Campinas: Editora Transcultural, 2006.

ORO, Ivo Pedro. *O Outro é o Demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

---

<sup>51</sup> ORO, Ivo Pedro. *O Outro é o Demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 164.